



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 17 | Nº. 32 | Jan./Jun. de 2025

Francisco Ramom de Matos Maciel

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte / UERN

francisco_ramon@uvanet.br

“CLÁUDIO, DE 25 ANOS, IMITOU ROBIN HOOD”: Ações coletivas e política popular de agricultores nordestinos na seca de 1979- 1983.

RESUMO

Este trabalho discute as ações coletivas e a política popular de trabalhadores rurais nas Frentes Emergenciais, criadas pelo governo federal para combater a seca na região nordestina nos primeiros anos da década de 1980. Nosso objetivo é compreender as formas de agenciamento dos agricultores em um contexto de fome, migração e novas relações de trabalho submetidas nas Frentes Emergenciais em várias cidades do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte no contexto final da ditadura militar.

Palavras-Chave: Ações coletivas; Agricultores; Seca.

ABSTRACT

This paper discusses the collective actions and popular politics of rural workers in the Emergency Fronts, created by the federal government to combat drought in the northeastern region in the early 1980s. Our aim is to understand the ways in which farmers acted in a context of hunger, migration and new labor relations in the Emergency Fronts in various cities in Ceará, Paraíba, Pernambuco and Rio Grande do Norte at the end of the military dictatorship.

Keywords: Collective actions; Farmers; Drought.

Introdução

No ano de 1981, quando já perdurava uma seca de dois anos, o agricultor desempregado Claudionor Gomes, conhecido como “Cláudio”, de 25 anos, imitou “Robin Hood”, ao “distribuir alimentos do INAN¹ para a população faminta do povoado de Lagoa Dantas”, área atingida pela estiagem no município de Nova Cruz, no Rio Grande do Norte. O delegado da cidade deu voz de prisão ao agricultor, que chegou a lutar violentamente contra os soldados no povoado. Segundo o rádio transmitido para a secretaria de segurança pública, Cláudio “arrombou o Posto de Saúde de Lagoa Dantas, e, em seguida, distribuiu grande quantidade de gêneros alimentícios do INAN, além de 20 quilos de farinha de milho, para o povo pobre do povoado” (DIÁRIO DE NATAL, 1981, p.07).

Refletir acerca da ação de Claudionor Gomes no povoado de Lagoa Dantas, no Rio Grande do Norte, pela perspectiva de uma política popular² que se constrói de elementos de uma infrapolítica – uma política invisível de resistência prática e simbólica (Scott, 2013) – e uma economia moral dos pobres (Neves, 2000; Thompson, 2005) é um dos caminhos para compreender a organização de milhares de trabalhadores rurais nordestinos durante a grande seca de 1979-1983, principalmente daqueles que não conseguiam entrar nas Frentes Emergenciais a partir das obras do DNOCS e SUDENE³, criadas pelo Governo Federal em toda região atingida por aquela estiagem. Desse modo, homens, mulheres, e crianças, saindo de seus pequenos sítios e localidades dos sertões centrais, além dos despossuídos urbanos, iriam “invadir” e “saquear” as cidades à procura de trabalho e gêneros alimentícios, sendo nomeados pela imprensa e autoridades públicas como os “flagelados da seca”.

Destarte, este artigo constrói uma “cartografia” da política popular de trabalhadores rurais que conseguiam, ou não, entrar nas Frentes Emergenciais

¹ Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição. Foi criado pela Lei nº 5829 de 30/11/1972, sob a forma de autarquia vinculada ao Ministério da Saúde.

² Nossa discussão de política popular também está circunscrita nos estudos da etnopolítica, a partir das dinâmicas no relacionamento contínuo e dialético entre estrutura social e antiestrutura social, que compreende o processo de interação, interdependência e disjunções socioculturais dos sujeitos em seus tempos históricos. Consultar, FERREIRA, Andrey Cordeiro. 2018. **Etnopolítica e Estado**: centralização e descentralização no movimento indígena brasileiro. *Anuário Antropológico* 42(1): 195-226. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/anuarioantropologico.v42i1.2017/6213>. TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

³ Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (1945) e Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (1959).

criadas pelo Governo Federal para solucionar os problemas da seca na região nordestina, entre os anos de 1979-1983. Nosso objetivo é compreender as formas de agenciamento dos agricultores em um contexto de carestia, novas relações de trabalho e política institucional em várias cidades do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, além dos olhares vigilantes da ditadura militar, através do Sistema Nacional de Informação. Desse modo, as invasões, saques, passeatas, alianças e cercamentos são alguns dos aspectos do *repertório de ações coletivas*⁴ desses trabalhadores rurais, evidenciando um pouco do universo político popular e suas estratégias de organização. Nossa abordagem é construída por uma história social (Thompson, 2005; Rudé, 1991) em diálogo com a antropologia e sociologia política (Tarrow, 2009; Tilly, 1995; Turner, 1974), utilizando como fontes a imprensa periódica e documentos oficiais do período.

“Flagelados invadem e saqueiam cidade”: agência e política popular de trabalhadores rurais na seca de 1979-1983.

Era recorrente abrir as páginas dos jornais e encontrar como títulos das matérias o conjunto de palavras “flagelado-invadem-saque-cidade” durante os anos da seca de 1979-1983. Por conseguinte, o “flagelado” é o sujeito, enquanto o “saque” e a “invasão” são as suas ações, e a “cidade” o espaço do acontecimento. Por outro lado, essas palavras posicionadas lado a lado nada falam se não as submetemos a uma leitura a contrapelo, a uma análise que possa traduzir as experiências e ações humanas que estão sendo registradas no tecido social e documental da pesquisa historiográfica. Portanto, o que está entre as frestas, intervalos e silêncios das fontes acerca dos “flagelados” da seca revela-se um campo de possibilidades, apesar de limitado, para se compreender as formas de agenciamento e política popular desses trabalhadores rurais e,

⁴ Partimos do entendimento de repertório de ações coletivas de Charles Tilly (1995) como o conjunto de estratégias conhecidas e localizadas por estratégias anteriores e recursos usados por grupos populares e movimentos sociais para alcançarem seus objetivos. Esse repertório é um meio definido e familiar de ações coletivas que estão à disposição das pessoas comuns num dado momento histórico. Ele é um conjunto variável de performances presente, e os sentidos e usos dos sujeitos em suas interações de confronto compatibilizando simbolismos e estratégias de ações. Ver TILLY, Charles. **Popular Contention in Great Britain, 1758-1834**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995, 517p.

principalmente, a criação de uma “cartografia” de seu repertório de ações como uma expressão e fenômeno societário daquele contexto.

As feiras livres e comércio local das cidades nordestinas foram alguns dos alvos escolhidos pelos agricultores durante suas ações coletivas. Na cidade de Mirandiba, no sertão pernambucano, “cerca de 200 flagelados da seca invadiram [...] e saquearam a feira livre, levando em sacos latas de óleo, farinha, feijão e rapaduras”. Diante da invasão, o resto do comércio fechou suas portas e a situação só foi normalizada “quando os agricultores voltaram para seus sítios”. Também na cidade de São José do Belmonte, na microrregião de Salgueiro, 200 flagelados invadiram “e conseguiram receber alimentos coletados pelo padre, que evitou, assim, o saque ao comércio local. Na ocasião, eles anunciaram que iriam atacar a cidade de Mirandiba” (DIÁRIO DE NATAL, 1982, p. 12.). Na cidade de Cruzeta, no Rio Grande do Norte, “100 flagelados invadiram a feira [...], sendo necessária a presença de soldados da delegacia de polícia local a fim de contornar o problema, evitando um saque maior”. Os flagelados ainda tentaram “um acordo com o prefeito local, mas depois de alguns instantes, resolveram agir em grupo, tendo ainda sido saqueadas várias bancas de comerciantes”. A intervenção policial foi acionada e “Celso Herculano da Silva, que estava à frente de um grupo de flagelados, terminou sendo baleado, depois de tentar espancar um policial” (DIÁRIO DE NATAL, 1983, p. 06).

Nessas duas matérias, algumas questões são importantes a se levantar sobre as formas de agenciamento dos agricultores. O primeiro traço é o caráter coletivo das ações: cem a duzentas pessoas agindo em grupo para invadir e saquear a feira e comércio local das cidades. Entretanto, um silêncio presente é relevante na fonte: onde e quando esses sertanejos se reuniram para definir suas ações de invasão e saque? É provável que cem, duzentas, ou mais pessoas possam se reunir espontaneamente no mesmo dia e horário para realizar ações desse tipo? Acreditamos que não. A notícia diz que depois da ação coletiva os agricultores voltaram para seus sítios na região. Esse pequeno trecho é significativo, pois mostra a possibilidade de reunião em suas próprias localidades e a deliberação prévia de suas ações, como acontece ao anunciarem a invasão da cidade de Mirandiba, quando a multidão estava em São José do Belmonte.

O segundo traço, que nem sempre é visível, é uma espécie de liderança da multidão, como foi o caso de Celso Herculano da Silva, baleado durante o

confronto com a polícia quando estava à frente dos sertanejos. Esse aspecto poucas vezes emerge, mas não deve ser ignorado, especialmente quando essas lideranças são oriundas das camadas populares, ou através de alianças com outros sujeitos⁵. Contudo, a “ausência” de uma liderança na multidão também pode ser interpretada como uma estratégia, uma possível tomada de decisão e organização mais “horizontal” e coletiva dos sujeitos, como demonstra o terceiro traço do fragmento da fonte: quando os sertanejos conseguem abrir uma negociação com as autoridades locais – o padre e prefeito –, através da pressão da multidão, para conseguirem gêneros alimentícios. Sobre a consolidação de uma tradição de movimentos da multidão nas grandes secas, Frederico de Castro Neves discorre que a partir da seca de 1958, “já está completamente consolidada a visão de que é o Estado que tem a obrigação de assistir e proteger os pobres” (2000, p. 206). Assim, a construção de uma negociação da multidão vai almejar nos sujeitos do Estado para conseguirem seus auxílios, e, logo cedo, “os retirantes perceberam que a pressão permanente seria a melhor arma para ampliar as medidas de assistências e os socorros” (2000, p. 1999).

Todavia, o trabalho era outra exigência frequentemente encontrada nas manifestações de saque e negociação com as autoridades. Na cidade de Beberibe, no Ceará, cerca de “200 homens se concentraram em frente à prefeitura para exigir do prefeito Eduardo Bessa de Queiros trabalho e alimentos” (DIÁRIO DE NATAL, 1983, p.04). Em São Miguel, no Rio Grande do Norte, mais de “mil flagelados invadiram, na tarde da última sexta-feira, o escritório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RN), [...] exigindo inscrição no plano de emergência e gêneros alimentícios”. Quando chegaram ao prédio, quebraram vários móveis no tumulto formado, levando o prefeito Raimundo Fernandes a distribuir “alguns gêneros alimentícios e a quantia de cem cruzeiros para cada homem” (DIÁRIO DE NATAL, 1980, p. 28) como forma de acalmar os ânimos. Na cidade de Caririçu, no extremo sul do Ceará, centenas de pessoas “invadiram a prefeitura [...] em busca de trabalho e comida”

⁵ Para o historiador Dipesh Chakrabarty é importante não reduzir uma genealogia das massas políticas a organizações individualizadas de sujeitos, pois estaríamos nos aproximando da lógica funcional dos aparelhos da justiça moderna, que “pode facilmente ver-se que o modo de individuação em questão era central para o poder disciplinar da polícia e do tribunal operarem”, CHAKRABARTY, Dipesh. *História subalterna como pensamento político*. In. DIAS, Peixe Bruno, NEVES, José (org.) **A Política dos Muitos**. Povo, classes, multidão. Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 298.

(JORNAL DO BRASIL, 1980, p.16). Em Crateús, a prefeita Maria Lionette Camerino tomou um susto quando “500 flagelados tentaram invadir a prefeitura. Eles fugiam da seca e pediam comida e trabalho, pois não comiam há mais de dois dias” (MOVIMENTO: CENA BRASILEIRA: SUBÚRBIO CARIOCA, 1980, p.10).

A ocupação de logradouros, praças e igrejas foi outro tipo de ação no repertório dos retirantes, principalmente os que migraram para a capital Fortaleza (CE), que, historicamente, foi uma das cidades-alvo do deslocamento dos sertanejos durante as grandes secas da passagem do século XIX⁶. O jornal *Diário de Pernambuco* descreve uma dessas cenas em notícia sobre a seca de 1983, no Ceará.

Eles começaram a chegar as 7 horas. Uma hora mais tarde, já eram 220 homens, mulheres e crianças, maltrapilhos e famintos, que vieram aqui – procedentes de vários municípios do Ceará e também da Paraíba – para matar a fome. E não poderiam escolher melhor local: os jardins e passeios da Catedral Metropolitana, bem diante do prédio da prefeitura e da Rua Governador Sampaio, ao longo da qual concentra-se o grosso comércio atacadista de cereais de Fortaleza. “Acima de Deus, não há ninguém. Por isso, a gente veio pra Igreja de Deus”, justificou dona Filomena Gabino da Silva, viúva, 37 anos, 4 filhos que veio ora de pés ora de caminhão de Pedra D’água, 18 léguas pra lá de Independência, no extremo norte do Estado (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1983, p. 12).

No fragmento, é importante destacar os jardins e passeios da Catedral Metropolitana como um “território da espera”⁷ para os sertanejos, isto é, um espaço ou um lugar qualquer, diretamente dominado pelas questões relacionadas às práticas sociais ligadas à espera, que, nessa situação

⁶ Uma bibliografia acerca da migração para as grandes cidades como Fortaleza ver, CHAVES, José O. de Souza. **Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879**: o real de um imaginário dominante. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense**: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884). 2013. 255 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. CÂNDIDO, Tyrone Apollo. **Proletários das secas**: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. 352 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014. NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

⁷ Consultar VIDAL, Laurent. *Por uma história social da espera*. In: **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Tradução. Marcos Marcionílio. São Paulo: Martins, 2008, p. 278-279.

específica, são as dos próprios retirantes sobrevivendo à seca na capital cearense. Assim, a apropriação desse espaço católico pelos sertanejos e seu ponto estratégico, por estar diante da prefeitura municipal e do comércio atacadista de cereais, mostra-se como um território da espera importante, pois estariam próximos das autoridades municipais (esperando os socorros públicos e trabalho), dos comerciantes locais (esperando doações particulares ou ações de saques) e da proteção da igreja católica (“Acima de Deus, não há ninguém. Por isso, a gente veio pra Igreja de Deus”, como disse dona Filomena)⁸.

Embora as ações coletivas da multidão sejam compostas por uma heterogeneidade de sujeitos, a presença e organização de mulheres foi uma constância significativa nessa seca de 1980-83, como ocorreu na cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte.

[...] ontem, momentos de ansiedade, quando cerca de 1.500 pessoas, na maioria mulheres, invadiram a feira local em busca de mantimentos. O prefeito Rivaldo Costa, do PDS, apoiado por políticos locais, mobilizou rapidamente um esquema de atendimento emergencial e conseguiu evitar conflito. [...] A situação em Caicó varia de drama a tragédia, de acordo com o relato do senador. Nos últimos dias, ocorreram dois suicídios de pessoas desesperadas pela falta de condições para manter suas famílias, e ainda anteontem aconteceram desmaios de mulheres famintas, entre as quais invadiram a feira da cidade. Dinarte Mariz queixou-se que apenas 2% das alistadas foram aprovadas nas frentes de serviços na região de Caicó (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1983, p. 16).

A justificativa da ação coletiva para essas mulheres era a falta de gêneros alimentícios e o baixíssimo alistamento nas frentes de serviços na região, levando-as a mendigar cotidianamente e a invadir a feira local da cidade de Caicó. Apesar de conseguirem a negociação e o atendimento emergencial, através da força da multidão (“1.500 pessoas”), é provável que sua situação não fosse se modificar tão rapidamente, pois, via de regra, a maioria dos alistados nas frentes de serviço eram os homens, chefes de família, o que demonstra um

⁸ Alguns dos territórios da espera nas grandes secas eram os abarracamentos e choupanas de retirantes nas cidades, as colônias agrícolas, os campos de concentração, e hospedarias de imigração. Para saber mais consultar MONTEIRO, Renata Felipe. **'Deslocados da Seca' na Hospedaria Getúlio Vargas: experiências e trajetórias de migração para diversas paragens (Ceará, década de 1950)**. Revista Tempos Históricos, Revista Tempos Históricos, p. 18 - 35, 20 out. 2020.

grande problema quando imaginamos que essas mulheres poderiam ser solteiras, viúvas ou abandonadas pelos companheiros e familiares, algo que não era uma realidade incomum nesse contexto. Porém, no repertório da política popular dessas mulheres, as ações coletivas de organização prévia para as invasões nas cidades, as negociações com os prefeitos e as tentativas de saque ao comércio e instituições governamentais eram elementos presentes nessa seca de 1979-83, como nos episódios das cidades paraibanas de São José de Piranhas e Cajazeiras, relatados a seguir.

Aproximadamente 400 mulheres famintas invadiram, ontem, um posto do Inam – Instituto Nacional de Alimentação Escolar, na cidade de São José de Piranhas, a cerca de 500 quilômetros da capital paraibana, na divisa com o Estado do Ceará, mas a invasão foi infrutífera porque nada havia no local que pudessem matar a fome. De imediato, o prefeito local, Joaquim Lacerda Neto, distribuiu alimentos para todos, alegando que aquilo era somente um paliativo pois a prefeitura não tem condições de manter a doação alimentar. [...] também ontem, cerca de 500 mulheres invadiram Cajazeiras, cidade próxima a São José das Piranhas para saquear estabelecimentos comerciais e que só não ocorreu porque os estabelecimentos foram fechados (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1983, p. 08).

Para o historiador E. P. Thompson, quem “começava os motins era, com bastante frequência, as mulheres”. Em inúmeros casos dos motins da fome na Inglaterra do século XVIII, a história era sempre a mesma: “as mulheres atacando um negociante impopular com as suas próprias batatas, ou combinando astuciosamente a fúria com o cálculo de que eram um pouco mais imunes do que os homens à retaliação”. Para o historiador, as mulheres camponesas eram as mais “envolvidas com as negociações face a face no mercado, as mais sensíveis ao significado dos preços, as mais experientes em detectar peso insuficiente ou qualidade inferior”. Assim, era mais provável que as mulheres muito frequentemente “precipitassem as ações espontâneas. Mas outras ações eram preparadas com mais cuidado” (2005, p. 183-184). A partir disso, Thompson levanta uma questão importante sobre o papel central da mulher na economia doméstica no universo rural. Para uma sociedade marcada pelo paternalismo, os diferentes papéis de gênero “eram demarcados com

firmeza, talvez com uma firmeza tanto maior porque a esfera de responsabilidade de cada sexo tinha o respeito do outro” (2005, p. 246).

Outro aspecto do repertório de ações coletivas dos sertanejos constituía-se de passeatas e caminhadas pelas ruas das cidades atingidas pela seca, exigindo das autoridades trabalho nas frentes de serviços e socorros públicos. Em algumas cidades cearenses, “milhares de agricultores flagelados pela seca continuam fazendo passeatas no interior para protestar contra o programa de emergência que limitou em cinco o número de homens a serem inscritos em cada propriedade com área de até 100 hectares”. Uma característica distinta dessas manifestações seriam as alianças construídas pelos agricultores em conjunto com a Igreja Católica da região dos sertões de Crateús, no Estado do Ceará. No município de Parambu, “2 mil pessoas saíram às ruas com cartazes e faixas pedindo emprego e comidas. Em pelo menos cinco cidades da diocese de Crateús, dirigida por Dom Antônio Fragoso, houve passeatas nos últimos três dias”. A finalidade dos organizadores, vinculados à Pastoral da Terra, é “forçar o Governo a permitir que todos os agricultores desempregados tenham uma oportunidade de trabalho nas frentes de serviço abertas pelo programa de emergência” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1980, p. 01).

A construção da Diocese de Crateús, no Ceará, faz parte das transformações ocorridas nos anos de 1960 na Igreja Católica na América Latina, com o Concílio Vaticano II (1963-1965) e o Pacto das Catacumbas (1965), que marcam uma ênfase da missão social e proteção aos pobres e a relevância do laicato na noção da Igreja como povo de Deus⁹. Dom Antônio Batista Fragoso, que participou desse contexto de transformação da igreja católica, ficou à frente da Diocese de Crateús entre os anos de 1964 a 1998, trazendo uma postura alicerçada no processo de libertação dos sujeitos camponeses das cidades da região. A iniciativa da Pastoral da Terra e das Comunidades Eclesiais de Base “representou o cerne desse projeto de Igreja Popular, reunindo o povo em comunidades, pelas perspectivas eclesiais dos leigos” (MENDES, 2023, p. 183).

Nesse cenário, não é difícil compreender o coprotagonismo dessa Igreja Católica nas ações coletivas e organização dos agricultores durante a seca,

⁹ Para saber mais consultar, MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 - 1985)**. Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. LOWY, Michel. **O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina**. – 2 ed – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

ajudando a construir noções de justiça social aliadas à fé cristã e a luta coletiva popular como sinônimo da conquista de seus direitos básicos, como os socorros públicos e empregos nas frentes emergenciais. Por outro lado, as passeatas e caminhadas dos agricultores atingidos pela seca são formas mais pacíficas de protesto, comparando-se às ações diretas de saques e invasões, muitas vezes melhor acolhidas pelas comunidades eclesiais, movimentos sindicais e instituições representativas. Entretanto, não confundamos os usos delas como ações coletivas mais “politizadas” e “organizadas” em detrimento dos saques, mas como uma das opções de escolhas no leque de estratégias encontradas pelos sertanejos na formação de seu repertório político popular durante as grandes secas.

Portanto, as estratégias de aliança com grupos e instituições, como a igreja católica e alguns partidos políticos, mostram-se uma nova especificidade dentro do repertório dos sertanejos nessa seca de 1979-1983. Afinal, o país estava passando por um processo de redemocratização e de eleições gerais em 1982, com eleições diretas para senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores, o que não ocorria desde a instauração do regime militar em 1964, além da existência de um segmento católico que procurava aliar-se às causas dos mais pobres, principalmente nessa temática da fome. Como Frederico de Castro Neves argumentou,

Por outro lado, a partir do final da seca de 1978-83, diversas entidades ligadas aos trabalhadores rurais vão lentamente compreendendo a importância dos movimentos da multidão para a estruturação da cultura política dos sertanejos e passam a apoiar e, às vezes, até mesmo organizar os retirantes em seu ímpeto de "fazer justiça com as próprias mãos". Há, portanto, a formação de uma série de novos intermediários políticos que procura ocupar este espaço vago entre a organização "espontânea" da multidão e o sistema representativo que possibilita a criação de entidades que pregam a luta por uma nova ordem social. A tradição de formação da multidão por retirantes, que se consolidou na década de 1950, ganha novos contornos ao incorporar novas experiências - convivência com sindicatos, partidos, órgãos da Igreja, organismos internacionais etc - que fazem com que a tradição se renove (2000, p. 248).

Entretanto, a vigilância e a repressão da ditadura militar não estavam de mãos atadas nesse contexto de invasões e saques ao comércio pelos

agricultores nordestinos. A busca seguia pelos chamados “agitadores” da multidão de flagelados, ou seja, as lideranças de partidos políticos, civis e comunistas – quem seriam os responsáveis diretos pela onda generalizada de ataques durante essa seca –, pois, para a interpretação do Serviço Nacional de Inteligência, essas ações em massa não eram “espontâneas”, mas fruto da influência de subversivos infiltrados dentro da multidão de “flagelados da seca”.

O ministro do Interior Mário Andreazza denunciou a ação de “provocadores”, nos movimentos dos flagelados pela seca do Nordeste que invadiram e saquearam armazéns de gêneros alimentícios em 11 cidades da região nos últimos dias. Para o ministro os movimentos não são espontâneos e não têm outra explicação, pois o programa de emergência de combate às secas desenvolve-se normalmente, e a Sudene trabalha com a orientação de atender a todos os casos para nenhum flagelado ficar sem assistência. Possivelmente as perspectivas de um novo período de seca que já dura dois anos estão criando um clima favorável a que provocadores levem às populações um clima de intranquilidade e de pânico – Disse Andreazza (DIÁRIO DA MANHÃ, 1981, p. 05).

A fala do ministro Mário Andreazza¹⁰ reproduz a ideia de que os movimentos coletivos dos sertanejos atingidos pela seca não seriam legítimos (não eram espontâneos e sem fundamento), e reforça para a opinião pública que os programas emergências e a própria SUDENE estariam atendendo todas as necessidades de assistência aos agricultores, o que não se verifica, como acompanhamos nas fontes já citadas. As exigências de trabalho nas frentes de serviço e gêneros alimentícios pelos sertanejos nessa seca eram elementos sempre presentes nos protestos e negociações; ainda assim, a caçada aos subversivos e responsáveis pelos saques e invasões está presente em relatórios do Serviço Nacional de Informação da agência de Recife, no Estado de Pernambuco. Essa agência, que abrange uma área de 521 municípios (cerca de 43% do total de cidades do Nordeste), registrou que, no período de sete de agosto a sete de novembro de 1983, ocorreram 36 invasões aos municípios de

¹⁰ Mário David Andreazza, ministro dos Transportes dos governos Costa e Silva e Médici, foi o responsável por grandes obras realizadas no período da ditadura, como a ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica. Ocupou o Ministério dos Transportes de 1966 até o fim do governo Médici, em 1974. Só voltou a ocupar um cargo público em 1979, quando se tornou ministro do Interior por convite do presidente João Baptista Figueiredo, que mais tarde o indicaria, embora sem êxito, como seu sucessor. Faleceu em 1988. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/mario-david-andreazza/>. Acesso em 12 de setembro de 2024.

sua área de atuação. Desse total, 15 resultaram em “saques ao comércio, feiras livres, depósitos e armazéns das localidades atingidas”¹¹.

No mesmo documento, é notável a preocupação da Agência de Informações sobre quem eram os sujeitos envolvidos nas manifestações, principalmente os chamados “agitadores”, os responsáveis diretos dos saques e invasões nessas ocorrências.

Pernambuco, Arcoverde, 15 de agosto de 1983, 900 pessoas. Ocorrência: Concentração de flagelados em frente da Secretaria de Obras da Prefeitura, tendo em vista a chegada de um caminhão com gêneros alimentícios, os quais, todavia, destinavam-se à merenda escolar. Não aceitando a explicação, e, *incitados por elementos do PT, PMDB e da Pastoral da Juventude*, os flagelados tentaram saquear o Mercado Público Municipal, não chegando a ocorrer, devido a intervenção da polícia. [...] Pernambuco, Belo Jardim, 17 de outubro de 1983. 800 pessoas. Ocorrência: *Flagelados incentivados pelo vereador Cecílio Alves de Oliveira, do PDS*, daquele município, tentaram saquear a feira local. [...] Pernambuco, Ibimirim, 07 de novembro de 1983. 1.200 pessoas. Ocorrência: Foi saqueado um depósito do DNOCS destinado ao armazenamento de gêneros alimentícios da CISAGRO em convênio com a SUDENE, para as frentes emergência. *Entre os participantes dos atos estavam elementos alistados nas frentes de emergência. Os saqueadores levaram 500 sacolões de 20kg cada. Não foi constatado o envolvimento político ou eclesiástico.*¹² (Grifos nosso)

A procura pela identificação e responsabilização das ações de saque e invasão dos sertanejos nessa documentação – elementos do PT, PMDB, PDS, Pastoral da Juventude e alistados nas frentes emergenciais – encobre os aspectos do agenciamento político popular desses sujeitos, ao negar que eles não são capazes de fazer suas próprias escolhas e tomadas de decisões e de criar estratégias de organização e ações coletivas a partir de suas interpretações da realidade social. A visão (de)limitada e oficial da justiça não consegue “interpretar” o repertório de ações da política popular, pois, ao buscar os “verdadeiros” agitadores, não enxerga as formas de aliança, cooperação e coprotagonismo que os agricultores estão construindo com outros sujeitos e instituições nessa seca de 1979-83. Por exemplo, dos 36 casos registrados das manifestações dos flagelados nessa mesma fonte, foram apenas esses dois já citados que envolveram partidos políticos e eclesiásticos. Assim, em sua grande

¹¹ Arquivo Nacional (Brasil). (1983). Acompanhamento de programação para o quinto ano de seca. Fundo Serviço Nacional de Informações – BR DFANBSB V8. Rio de Janeiro, Brasil: Arquivo Nacional, p. 03.

¹² Arquivo Nacional (Brasil). (1983). Acompanhamento de programação para o quinto ano de seca. Fundo Serviço Nacional de Informações – BR DFANBSB V8. Rio de Janeiro, Brasil: Arquivo Nacional, SP.

maioria, os envolvidos eram homens, mulheres e crianças não alistados nas frentes emergenciais ou que não estavam recebendo seus salários em dia nas obras do governo. Desse modo, suas ações diretas e coletivas de negociação com as autoridades circunscrevem sua legitimidade no espaço social, além da interface entre uma infrapolítica e a política institucional, tornando a questão da seca, da fome e desemprego no campo uma questão social.

Mas nem toda a opinião pública enxergava com as lentes do regime militar e de seus ministros, como Mário Andreazza, acerca da situação de saques e invasões de cidades no Nordeste durante o período. Alguns periódicos do país ironizavam o governo sobre a sua “caçada aos agitadores” e a sua péssima administração quanto ao problema da estiagem, como os jornais cariocas *O Pasquim* e *A Luta Democrática*.

O Coronel Andreazza visitou o Nordeste em plena seca, considerou o martírio da fome e sede dos flagelados obra de agitadores subversivos e prometeu tomar enérgicas providências. Tomou o avião de volta, e ao fazê-lo, o construtor da transamazônica e da ponte Rio-Niterói, declarou – *Aprés moi le déluge (depois de mim a inundaçã, tradução livre)*. Foi então que começou a chover no Nordeste (Ferdý Carneiro). [...] Os órgãos de segurança do governo andam fissurados atrás de agitadores (leia-se comunistas) entre os flagelados que saqueiam cidades. É o que se pode chamar literalmente de querer tapar o sol da seca com a peneira (Ferdý Carneiro) (*O PASQUIM*, 1981, p. 28.).

O tom humorístico do jornal carioca se constrói pelo desconhecimento social e a falta de gestão do governo militar, ao relacionar os problemas da fome e falta de água para os agricultores com obras dos agitadores subversivos (lê-se comunistas), além da crítica sobre as obras faraônicas do regime (ponte Rio-Niterói e Transamazônica) como possíveis soluções para os problemas da seca no Nordeste, mas que em realidade causou grande impacto orçamentário, repressão de trabalhadores e episódios de corrupção¹³.

¹³ Para saber mais consultar, CAMPOS, P. H. P.; BRANDAO, R. V. M. (Org.); LEMOS, R. L. C. N. E. (Org.). **Empresariado e Ditadura no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2020. 512p. CAMPOS, P. H. P., & BRANDÃO, R. V. da M. (2023). **A construção da usina hidrelétrica de Itaipu durante a ditadura: Violações de direitos e favorecimento a grandes grupos econômicos**. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 77, 7–34. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v77p7-34>.

Nas matérias do jornal *A Luta Democrática*, o ministro Mário Andreazza, representante do governo, seria o principal responsável pela agitação política e pelos episódios de saques dos agricultores durante a calamidade. Assim, a imprensa progressista e aliada dos trabalhadores das grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, aproxima-se da situação e defesa dos sertanejos nordestinos ao criticar e divulgar as ações de repressão do governo militar durante a estiagem de 1979-83.

Já em Recife, o Deputado Gilvan Barreto, do PMDB, disse que o Ministro Mário Andreazza não entende nada de seca e por isso está havendo agitação política nos saques praticados pelos flagelados. O deputado disse também que os nordestinos ficam perplexos ao serem tratados como subversivos por homens do sistema que nem sequer são da região. Para Gilvan Barreto, os saques existem porque é uma humilhação morrer de fome num país rico. Além disso, denunciou uma indústria da seca, dizendo que a corrupção está tomando conta da economia nordestina (A LUTA DEMOCRÁTICA, 1981, p. 04.).

Na matéria do jornal carioca, o deputado Gilvan Barreto faz duras críticas ao ministro Andreazza pela sua falta de compreensão sobre o problema social da seca no Nordeste. Para o deputado, os saques estariam ocorrendo pela humilhação dos agricultores estarem morrendo de fome em um país com grandes riquezas, além dos casos de corrupção nas obras governamentais sobre a região, através da chamada “indústria da seca”¹⁴. Um aspecto importante do fragmento é a perplexidade que os sujeitos sentem ao serem tratados como “subversivos” pelos agentes governamentais. Os impactos dessas acusações de subversão, e a própria repressão aos saques e invasões, teve um choque aterrador na vida desses agricultores, como ocorreu num episódio na cidade de Senador Pompeu, no estado do Ceará, no ano de 1981.

Um bom exemplo ocorreu na sexta-feira 13 de março, em Senador Pompeu, após o saque ao armazém da COBAL. Pressionados por agentes policiais empenhados em achar “a subversão” que comandou o ataque dos flagelados ao armazém, os lavradores se assustaram e um deles Francisco Alves de Nascimento, desesperado, suicidou-se. Sua morte enforcado num poste de luz, foi um protesto violento e final

¹⁴ Expressão usada no livro de CALLADO, A. **Os industriais da seca e os “Galileus” de Pernambuco** (Aspectos da luta pela Reforma Agrária no Brasil). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

contra a injustiça e a opressão, como ele explica na carta que deixou: “A minha esposa e meus três filhos que são Sindoval, Antonio e Genival e aos demais familiares que tanto amo. Aos meus inimigos deixo o legado da minha morte. Sei que fui um cara de bons antecedentes. Mas é isso mesmo. A felicidade também nos joga no abismo. Minha preocupação foi o desemprego desde 10 de novembro passado e agora esse caso do arroz. Para mim foi a pior coisa que passei na minha vida. O adeus aos meus compadres. Deve deixar esta vida, mesmo não sabendo como será a outra. Toda pessoa tem seus traumas. Esse foi o pior”. Francisco Alves havia sido acusado de ter se apropriado de um saco de arroz, durante o ataque ao armazém da COBAL, em Senador Pompeu (MOVIMENTO: CENA BRASILEIRA: SUBÚRBIO CARIOCA, 1981, p. 07).

O suicídio de Francisco Alves de Nascimento, acusado de ter roubado um saco de arroz, é traduzido pela imprensa como um protesto violento contra a injustiça e opressão, ao ser pressionado pelos agentes policiais na caçada do responsável “subversivo” pelo saque ao armazém da COBAL na cidade de Senador Pompeu. Na sua carta, deixada aos seus compadres e familiares, que parece uma referência a carta de suicídio de Getúlio Vargas em 1954, “deixo o legado de minha morte”, escreveu que seus dois grandes traumas da vida foi o desemprego vivido nessa seca e a acusação de roubo, sendo este último o pior deles. Esse episódio oferece uma reflexão acerca da reação emocional-psicológica causada pelos métodos repressivos da ditadura militar sobre a vida de pessoas simples e trabalhadoras, como o próprio Francisco Alves de Nascimento, “um cara de bons antecedentes”.

Infelizmente, ele não foi o único, e as consequências de sofrer violência institucional como acusações, repressão física e prisões arbitrárias pela polícia militar foi algo corriqueiro para os agricultores e trabalhadores urbanos desassistidos nos episódios de saques e invasões às cidades nordestinas.

Pernambuco, Petrolina. 04 de nov de 83. Houve ameaça de saques a dois supermercados – Novo Rio e Compre Fácil, ambos pertencentes a um mesmo grupo empresarial. Foram presas e liberadas posteriormente, as seguintes pessoas: Raimundo José Correia, José Carlos Dantas, Antonio Firmino de Souza, Valdemar Vicente dos Santos e Adelino Soares dos Santos. [...] Pernambuco, Inajá, 10 de out de 83. Houve ameaça de saque ao comércio e feira livre daquele município. O saque foi sustado com a prisão do líder do movimento José Messias Serafim. [...] Paraíba, Catolé do Rocha, 28 de set 83. Os flagelados invadiram a cidade e tentaram saquear um posto da COBAL. A PM/PB impediu que o saque fosse concretizado, lançando bombas de gás lacrimogêneo. [...] Rio Grande do Norte, Mossoró, 31 de agos de 83. Flagelados da seca saquearam um caminhão

estacionado no armazém da CIBRAZEM, naquele município, levando 15 toneladas de macarrão. A polícia efetuou algumas prisões tendo depois liberado os presos e mantido um esquema de segurança para evitar novos saques¹⁵.

A repressão as tentativas de saques pela polícia militar, nesse fragmento do relatório do Serviço Nacional de Informações, efetuaram-se no uso da força institucional para defender a propriedade privada, a feira livre e entidades governamentais, a partir de prisões temporárias (coletivos e lideranças), a utilização de gás lacrimogêneo para dissipar multidões, e o reforço da segurança aos principais alvos dos saques. Embora não enxergamos os danos emocionais e psicológicos causados pelo poder oficial na vida desses sujeitos, como foi no episódio de Francisco Alves de Nascimento, ao menos podemos visualizar que oficialmente a violência e repressão eram algo existentes no cotidiano dos agricultores e trabalhadores nordestinos, nesses anos finais da ditadura militar.

Considerações Finais

A socióloga Ana Maria Quiroga produz, em 1985, sua dissertação *As Frentes de Emergência e o movimento dos saques*, sendo um dos primeiros trabalhos da década de 1980 que abordam o estudo das ações coletivas dos agricultores nordestinos, especialmente na Paraíba, na grande seca de 1979-83. Para a autora, os movimentos de saque na sociologia, por terem sido considerados “espontâneos, fundados na ação direta, efêmeros, posto que esgotando-se tão imediatamente, sem uma base organizacional estabelecida, sem programa ou direcionamento político, foram igualmente considerados de pouca significação teórica e política”. Todavia, essas formas de luta pela ação direta de invasões e saques às cidades são “as únicas formas eficazes de se fazerem presentes, de manifestarem seu querer coletivo, de apresentarem suas reivindicações, de se contraporem às formas de gestão estatal de seus destinos e de, no extremo, tentarem sobreviver face à crise” (1985, p. 19-20).

A visão de elementos pré-políticos acerca dos movimentos populares e não institucionais, fundados nas ações coletivas e diretas dos sujeitos

¹⁵ Arquivo Nacional (Brasil). (1983). Acompanhamento de programação para o quinto ano de seca. Fundo Serviço Nacional de Informações – BR DFANBSB V8. Rio de Janeiro, Brasil: Arquivo Nacional, SP.

subalternos, era uma interpretação ainda recorrente nas ciências humanas do período¹⁶. O trabalho da autora, mesmo dialogando com essa perspectiva pré-política, consegue valorizar os saques e invasões como elementos politizáveis dentro daquele contexto de insegurança alimentar e desemprego nos sertões paraibanos, amplificados pela seca de 1979-83, pois eles “canalizam o querer coletivo e obtêm reivindicações que, se não modificam substancialmente suas condições de existência, atenuam temporariamente as crises mais agudas”. Assim, as invasões e saques, “a cada novo período de seca, reatualizam para as camadas pauperizadas do meio rural nordestino, a tênue experiência de força coletiva e de intervenção no processo social” (NETO, 1985, p. 25).

Um trabalho recente que investiga uma série de mobilizações – institucionais, partidárias, científicas, jornalísticas, sindicais, comunitárias, insurrecionais – que contribuíram para que a questão da fome assumisse uma relevância nos debates e movimentos sociais que impulsionaram a redemocratização brasileira, entre 1978 a 1988, é o de Daniel Horta Alvim (2016), *Mobilizações contra a fome no Brasil: 1978-1988*. O autor aborda os saques como um fenômeno social de lutas por comida no ano de 1983, e que foram impulsionados em um contexto de luta contra “o desemprego, de mobilizações sindicais operárias, de luta contra a indústria da seca nordestina, contando com a sensibilização da tradição religiosa popular e com força do crescimento dos movimentos de oposição à ditadura”. Para Alvim, a luta contra a fome intensifica-se através da radicalização das “ações populares em forma de saques, embora seu maior alcance político tenha sido forjado na medida em que as lideranças dos movimentos e das instituições sociais também passaram a intensificar a luta para incorporar a fome enquanto uma causa legítima” (2016, p. 128).

O autor supracitado procura construir articulações e interfaces políticas interessantes entre as ações diretas (saques) e as mobilizações institucionalizadas durante ao problema generalizado da fome no território nacional, causados pelo desemprego, arrocho salarial e o alto custo de vida nos anos iniciais da década de 1980 e, também, da própria seca no Nordeste. Ainda

¹⁶ Podemos citar algumas obras nacionais e internacionais como MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986, FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**, 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, e HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos**. Estudos de Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

que seu enfoque central seja a fome como uma bandeira construída nas mobilizações da redemocratização, sua análise frisa o quanto as lutas populares, inclusive os saques, ganharam seu reconhecimento social de legitimidade, especialmente no ano de 1983, que pode ser considerado um marco histórico quando o “constrangimento social da fome brasileira atinge um ápice, expresso sobretudo, pela série de levantes populares desesperadores, através dos quais uma parte da população sai em busca de comida a qualquer custo” (ALVIM, 2016, p. 220).

Para Frederico de Castro Neves (2000), depois de 1959, a tradição das ações diretas das multidões de retirantes em períodos de secas conservou-se ativa. As novas “secas em 1970-1, 1978-83, 1993-4 e 1998 fazem retornar ao cenário urbano, de Fortaleza e das cidades do interior, os conflitos entre autoridades e sertanejos amotinados”. Ao contrário, a organização de um novo conjunto de instituições governamentais, destinado a promover o desenvolvimento regional, “irá modificar algumas das posições assumidas pela multidão”. Com estas instituições, comandadas pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), “os comerciantes e até mesmo as autoridades locais conseguiram abstrair-se de suas responsabilidades costumeiras na negociação com a multidão”. Essa função passa agora a ser “assumida majoritariamente, mas nunca exclusivamente, pelos técnicos e representantes dos órgãos estatais, refletindo uma tendência que já podia ser observada no período que estudamos”. Igualmente, esses órgãos passam “a estocar e armazenar alimentos em locais específicos, que se transformam, ao contrário do que pretendiam os planejadores econômicos, em novos alvos dos ataques da multidão” (2000, p. 247).

Embora o autor discorra sobre a construção de uma tradição de ações diretas e a força da multidão de retirantes no estado do Ceará, até os anos finais da década de 1950, podemos relacionar seus argumentos à nossa análise de que a política popular e o repertório de ações dos “flagelados da seca” ainda vai encontrar nas autoridades locais das cidades (prefeitos, padres, políticos), nos comerciantes e, agora, nos novos representantes dos órgãos estatais, como a SUDENE, os sujeitos presentes na negociação costumeira com a multidão nessa seca de 1979-83.

Por conseguinte, as feiras livres, o comércio local, os prédios públicos, os transportes e armazéns da COBAL, INAN e CIBRAZEM, entre outras instituições criadas no regime civil-militar, entram como os principais alvos das ações coletivas de saques, invasões, cercamentos, passeatas e alianças da multidão, sejam essas alistadas ou não nas frentes emergenciais do governo brasileiro na região Nordeste.

Esperamos que nossa “cartografia” do repertório político popular de trabalhadores rurais e demais despossuídos nas grandes secas do final do século XX possa abrir caminhos para novos estudos de casos, suas (re)conexões e confluências, considerando esses grupos subalternos como atores políticos e sujeitos de sua própria história – a dos debaixo.

Referências Bibliográficas.

ALVIM, Daniel Horta. **Mobilizações contra a fome no Brasil: 1978-1988**. 2016. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2016.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)**. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CALLADO, A. **Os industriais da seca e os “Galileus” de Pernambuco (Aspectos da luta pela Reforma Agrária no Brasil)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

CAMPOS, P. H. P.; BRANDAO, R. V. M. (Org.); LEMOS, R. L. C. N. E. (Org.). **Empresariado e Ditadura no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2020. 512p.

CAMPOS, P. H. P., & BRANDÃO, R. V. da M. (2023). **A construção da usina hidrelétrica de Itaipu durante a ditadura: Violações de direitos e favorecimento a grandes grupos econômicos**. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 77, 7–34. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v77p7-34>.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo. **Proletários das secas: arranjos e desarranjos nas fronteiras do trabalho (1877-1919)**. 2014. 352 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2014.

CHAVES, José O. de Souza. **Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

CHAKRABARTY, Dipesh. História subalterna como pensamento político. In: DIAS, Peixe Bruno, NEVES, José (org.) **A Política dos Muitos. Povo, classes, multidão.** Lisboa: Tinta da China, 2011, p. 298.

FAÇO, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**, 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. 2018. **Etnopolítica e Estado: Centralização e descentralização no Movimento Indígena Brasileiro.** *Anuário Antropológico* 42 (1):195-226. <https://doi.org/10.26512/anuarioantropologico.v42i1.2017/6213>.

HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos.** *Estudos de Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX.* 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LOWY, Michel. **O que é Cristianismo da Libertação:** religião e política na América Latina. – 2 ed – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 - 1985).** Tradução Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MENDES, S. **A conquista da palavra como forma de resistência na Diocese de Crateús.** *CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História*, Limoeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/11143>. Acesso em: 08 dez. 2023.

MONTEIRO, Renata Felipe. **'Deslocados da Seca' na Hospedaria Getúlio Vargas:** experiências e trajetórias de migração para diversas paragens (Ceará, década de 1950). *Revista Tempos Históricos*, p. 18-35, 20 out. 2020.

NETO, Ana Maria Quiroga. **As frentes de emergência e o movimento dos saques:** atenuação e expressão do conflito no meio rural paraibano. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/UFPB, João Pessoa, 1985.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a história:** saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

RUDÉ, George. **A Multidão na História:** estudos dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1991.

SCOTT, James. **A dominação e a arte da resistência**: discursos ocultos. Tradução Pedro Serras Pereiro. Lisboa/Portugal: Terra Livre, 2013.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Tradução Ana Maria Sallum. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 39-40.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TILLY, Charles. **Popular Contention in Great Britain, 1758-1834**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995, 517p.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIDAL, Laurent. Por uma história social da espera. In: **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Tradução. Marcos Marcionílio. São Paulo: Martins, 2008, p. 278-279.

Francisco Ramon de Matos Maciel

Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2010) e mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). Doutor pelo programa de pós-graduação em história social da Universidade Federal do Ceará (2020). Pesquisa nas seguintes áreas: História do Brasil Império e República; seca, retirantes; migrações, movimentos sociais, trabalhadores, política popular, e estudos libertários.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1210647449446611>